

A certeza do final: identificação ao sintoma¹

Silvana Pessoa

O que significa a “identificação ao sintoma”² no final de análise? Se fosse apenas saber lidar com o sintoma de entrada, ou seja, aquele sintoma-queixa do início, ou com um ato de resignação ou cansaço por não mais suportar a repetição – o que faz com que algumas pessoas busquem análise –, não precisaríamos publicar artigos, pois não haveria razão para existir esta revista e tampouco a psicanálise.

Certamente “metamorfozes” acontecem na direção da cura, como por exemplo: a passagem de um analisando ao “analisado”, no particípio³; a mudança do sofrimento do início à satisfação do final; de ter um sintoma e da incerteza do seu sentido à certeza do fim..., ou seja, distintas formas de mudanças. Entretanto, neste trabalho, interessa-me prioritariamente abordar o fim deste processo pelo conceito tardio em Lacan de identificação ao sintoma, ou seja, como uma certeza adquirida no fim de um percurso de análise, uma possibilidade de poder dizer “esse sintoma sou eu”, sem precisar pedir mais que ele se explique – um final de análise possível.

Para atingir este objetivo, tomarei por base os últimos seminários de Lacan, nos quais ele demonstra esse fim com o estilo da escrita “joyciana”, e elegerei para reflexão a nossa versão “manoelesca” – com o intuito de verificar os sinais do fim que se observa na clínica cotidiana e interrogar, sem pretender responder, como alguém que já tenha atingido a certeza do sem-sentido do final, poderia ainda demandar: “o que isso quer dizer?”.

Reticências [...]

Uma pessoa só se dirige a uma análise, salvo algumas exceções, a partir de uma manifestação sintomática de sua divisão, que ameaça a sua unidade, ou seja, quando as identificações, modos de apreensão da realidade imaginária, simbólica ou real, passam a não responder ao sujeito.⁴ Todavia, todo sujeito busca uma análise porque crê no sintoma, crê que um S1 vai representá-lo para um S2, crê que o sintoma diz algo, que é decifrável, que tem um sentido que irá restaurar essa suposta unidade perdida.

1. Existe uma convenção largamente utilizada no Campo Lacaniano que utiliza a grafia *sinthoma* para tratar do sintoma analisado e *sintoma* para falar do sintoma-queixa do início. Neste trabalho não faço essa distinção, pois até o momento não encontrei na obra de Lacan uma referência explícita a esse apotegma. Entendo que Lacan quis tratar o sintoma não mais como patologia, mas sim como a verdadeira identidade do sujeito do inconsciente, tal como a imagem e o nome. Desse modo, um final possível da análise é aprender a lidar com seu sintoma, a se identificar com ele. É o que tentarei abordar neste trabalho.

2. Lacan, *O Seminário*, livro 24: *L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (Inédito/lição de 16/11/1976).

3. Soler, *O que Lacan dizia das mulheres* (2005, p. 189).

4. Gerbase, *Complexo de Lacan: RSI* (2004, p. 77).

Nesse momento da clínica, podemos dizer que a noção de sujeito representado por um significante para outro significante, em que, por definição, não é igual a si mesmo, condiz com a noção lacaniana de sintoma, definida nos anos 50 a partir do simbólico, como metáfora, mensagem dirigida ao Outro, primeiro classicismo lacaniano, que tinha por principal postulado: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, com significantes e estrutura gramatical que participam do sentido.

Já nos anos 70, a noção de sintoma passou a ser definida pelo real. Anos marcados pelos matemas e desconstruções de linguagem, que caracterizaram o segundo classicismo de Lacan, que começa com o nó borromeano nos últimos seminários, particularmente depois do RSI, período da obra no qual o sujeito é identificado como um *falasser*, o inconsciente como aluvião de restos significantes sem sentido e o sintoma como tendo função de letra, portanto, “igual a si mesma”,⁵ contendo a dimensão de hieróglifo e do contrassenso.

No entanto, o caráter de “cifra” do sintoma – que pede decifração –, ou seja, o caráter de signo do real do sintoma, está presente desde o início da psicanálise, quando Freud concebe que as histéricas reviviam no corpo um trauma impossível de ser simbolizado que deveria ser decifrado. Mesmo que posteriormente essa concepção fosse um pouco modificada com a introdução da noção de formação de compromisso ou como satisfação pulsional substituta, Freud propõe pensar o sintoma não mais como evento, mas como síntese entre o desejo e o recalque, não mais pautada num evento da realidade, mas na inadequação de um desejo.

Portanto, do sintoma de entrada como divisão do sujeito – uma mensagem que pede deciframento – ao sintoma de saída, como um signo do real em que não há sentido, que comporta a certeza do “não sei por que faço isso, mas não sei fazer de outro jeito”, – que põe fim às reticências do início, que abriam caminhos para novas significações, que não cessavam de se escrever e que eram necessárias, mas não suficientes –, contemplamos, na clínica, uma metamorfose do sintoma, que permite outro tipo de satisfação que examinaremos a seguir.

Passagem [metamorfose]

A queda das identificações, isto é, a quebra das certezas ao longo do percurso, vai deixando quem procurou a análise cada vez mais “em xeque”, sem saída, tal como um dos movimentos num jogo de xadrez, pois o modo de abordagem da realidade que anteriormente era satisfatório passa a não servir mais. A destituição subjetiva – outro nome dado para essa “queda” – leva o sujeito a experimentar novas modali-

5. Quinet, *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas* (2009), pp. 167-8).

dades de gozo, sujeito esse transformado pela análise, que “se definirá por uma nova relação tanto com a castração quanto com a pulsão”.⁶

Porém, ainda resiste e insiste um resquício de sentido inefável no sintoma, algo a que ele se vê “peado”. Em Freud, a última palavra sobre o final de análise aponta para “a insondável decisão do ser, armadilha do nosso destino, a lei do nosso devir”,⁷ quando diz que apesar de tudo ficar como era, quando a resistência impede qualquer mudança, “consolamo-nos com a certeza de havermos proporcionado ao analisado todo o estímulo possível para rever e modificar a sua posição diante desse fator”⁸ – do repúdio à feminilidade, uma parte do grande enigma do sexo. Lacan, por sua vez, define o final da análise da seguinte maneira:

É possível definir o fim da análise. O fim da análise é quando se deu duas voltas, isto é, quando se achou aquilo de que se está prisioneiro. Recomeçar duas vezes a volta em círculo certamente não é necessário, basta que se veja de que se está cativo, e o inconsciente é isso. É a face de real [...] à qual se está peado. [...] A análise não consiste em ser liberado de seus sintomas [*sinthomes*], pois é assim que escrevo sintoma [*symptôme*]. A análise consiste em que se saiba por que se está peado a ele. Isso se produz pelo fato de que há o simbólico. O simbólico é a linguagem. Aprendemos a falar e isso deixa traços. Porque isso deixa traços, isso tem consequências, que não é outra senão o sintoma [*sinthome*], e a análise consiste [...] em se dar conta de porque se tem esses sintomas [*sinthomes*]. De modo que a análise é ligada ao saber.⁹

Um saber paradoxal que junta dois termos aparentemente antinômicos: a identificação, que cria o mesmo, um estigma que marca o sujeito, passa a orientá-lo e assinala o seu caráter educável e sujeito à influência; e o sintoma que cria a diferença, que resiste às ordens do significante-mestre, é sempre rebelde à universalização e tem alguma coisa de real.¹⁰ A junção destes dois termos que se opõem como princípio de homogeneização só pode designar uma mudança mais radical na maneira por meio da qual o sujeito se relaciona com o seu sintoma, que precisa ser definido.

A que, pois a gente se identifica ao fim da análise? Identificar-se-ia a seu inconsciente? É o que não creio, porque o inconsciente permanece [...] o Outro. [...] Em que consiste essa situação que é a análise? Seria ou não se identificar [...] a seu sintoma? Propus que o sintoma pode ser o parceiro sexual. [...] Tomado nesse sentido, o sintoma é o que se conhece [...] melhor. [...] *Conhecer* seu sintoma quer dizer saber fazer com, saber desvencilhar-se dele, manipulá-lo. O que o homem sabe fazer com sua imagem corresponde de algum modo a isto e permite imaginar a maneira

6. *O que Lacan dizia das mulheres*, op. cit., p. 191.

7. Lacan, *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946/1998, p. 179).

8. Freud, *Análise terminável e interminável* (1937/1975, p. 287).

9. Lacan, *O Seminário, livro 25: O momento de concluir* (lição de 10/01/1978). Tradução: Jairo Gerbase. Comentário: Gerbase justifica a sua tradução, dizendo que Lacan queria dar uma injeção de grego na língua francesa assim como Joyce fez com a língua inglesa; por isso foi buscar a grafia antiga da palavra sintoma.

10. *O que Lacan dizia das mulheres*, op. cit., p. 192.

como a gente se desvencilha do sintoma. [...] Saber lidar com (*sa-voir y faire avec*) seu sintoma, é isso o fim da análise.¹¹

11. *O Seminário, livro 24,*

L'insu-que-sait de l'une-

-bêvue saile à mourre, op. cit.,

16/11/1976.

12. *O que Lacan dizia das*

mulheres, op. cit., p. 194.

13. *Ibid.*

Identificação ao sintoma é isso, *é o que o sujeito pode fazer de melhor*, e não a identificação ao analista, como está implícito para os que se orientam pela psicologia do ego, ou seja, “sendo a normalidade assintomática pensada em termos de identificação, é isso que se busca restaurar no sujeito (...) restabelecer, no final, um efeito de identificação melhorada”.¹² Nesta modalidade de tratamento, indevidamente chamado “analítico” – como se isso se tratasse de uma psicanálise – o analista é tomado como modelo, e a análise como uma segunda educação. Forma equivocada que, em vez de abalar as identificações, “retifica e reforça as marcas identificatórias deixadas pelo Outro. Para isso não seria necessário inventar a análise”.¹³

Ponto-final [.]

14. Soler, *Os nomes da*

identidade (2010, p. 53).

15. No *Seminário*, livro 23,

o sintoma é o “mas isso não”,

contido na frase: “Tudo, mas

isso não” que aponta para o

impossível, para o **S(A)** diz

Lacan, “O mas isso não é o

que introduzo sob meu título

desse ano como sintoma”

(p. 15).

16. César, *Só dez por cento é*

mentira: a desbiografia oficial

de Manoel de Barros (2009).

O sintoma do final de uma análise não é mais um sofrimento a ser removido, como aquele pedido pelo analisando na entrada, mas uma forma descoberta de gozar do inconsciente, que já estava lá desde antes e que o analisando “não sabia”. Dizendo de outra maneira, a identificação ao sintoma, “o modo mais particular de enlaçamento de um desejo e de um modo de gozo, bem como os feitos e desfeitos dos sujeitos (...) como Zorro, o justiceiro; Jack, o estripador; Joyce, o sintoma. Isso faz com que o sujeito tenha dois nomes próprios: no sentido comum do termo, seu patronímico (...) e seu nome reservado, o de seu sintoma,¹⁴ que fixa a sua identidade verdadeira, que registra esse gozo sem par, solitário; o “mas isso não”, caráter de impossível, após a vírgula do tudo.¹⁵

Alguns podem prescindir da psicanálise para descobrir seu nome reservado, seu modo de gozo. Joyce certamente prescindiu. Nada podemos dizer sobre Manoel de Barros, escritor brasileiro que pretendemos examinar. Não temos informações suficientes. Em sua única biografia documentada,¹⁶ que é mais uma “desbiografia”, ele se recusa a falar, e argumenta da seguinte forma: “minha vida não tem nada interessante. O que é interessante é o que escrevo”.

Durante todo o documentário não há referência alguma à família ou à atividade profissional, mas sabemos que ele foi advogado, que morou em Nova York, que sofreu influência dos modernistas e que casou e teve três filhos. Dos familiares, recebemos algumas informações: “meu irmão nasceu com uma disfunção lírica afetiva” – hoje, um poeta em tempo integral, não pensa em nada mais a não ser poesia; diz que “comprou o ócio e fica à disposição da poesia” – aquela em que a palavra poética chega a um grau de brinquedo –, que não

quer dizer nada, não quer dar informações, quer dar encantamento.

Podemos também dizer isso de outro modo: “quando o esp de um laps (...), o espaço de um lapso, já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos a *certeza* de estar no inconsciente”.¹⁷ Isso é a certeza do final. Apaga as reticências e insere um ponto-final do silêncio. Ponto de ateísmo da falha na transferência, de não mais supor saber no Outro, de não mais crer no sintoma.

Quanto a isso, os analistas precisam ser prudentes na direção do tratamento, para não idealizarem um final e levarem a coisa longe demais. Quem nos adverte disso é o próprio Lacan:

Não penso que se possa dizer realmente que os neuróticos sejam doentes mentais. A maioria dos neuróticos são o que são. Felizmente não são psicóticos. O que se chama de um sintoma neurótico é alguma coisa que lhes permite viver. Eles vivem uma vida difícil e nós tentamos aliviar seu desconforto. Às vezes lhes damos o sentimento de que são normais. Graças a Deus, não os tornamos tão normais para que acabem psicóticos. É o ponto em que temos de ser muito prudentes. Alguns dentre eles têm realmente a vocação de levar as coisas até o limite [...] Uma análise não tem de ser levada longe demais. Quando o analisando pensa que está feliz em viver, é o suficiente.¹⁸

A questão que submeto à apreciação é como alguém que levou a sua análise até esse ponto, depois de esgotadas as interpretações que ela poderia gerar, de identificar-se com algo que não pode ser mais reduzido, mudado ou interpretado, ou seja, até atingir a certeza do sem-sentido do sintoma, a esse *savoir-y-faire*, que leva à satisfação, “que só é atingida no uso, em particular”¹⁹ ou quando o sujeito para de colocar obstáculos ao saber sobre a inconsistência do Outro, possa ainda desejar endereçar-se a um Outro, supondo, talvez, a um outro analista – já que o outro “não funcionou” – o lugar de sujeito suposto saber?

Voltar a colocar a questão do sentido em campo mais uma vez e voltar a se perguntar “o que quero dizer com isso?” faz com que o “esp de um lapso” volte a ter sentido. Basta querer, mais uma vez, “levar isso para análise” para que se saia da certeza atingida no fim, pois “não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta. O que não se impede de que se corra atrás dela”.²⁰

Mas, como passar por isso novamente, já tendo gastado até se fartar do gozo do sentido, tal como faz Manoel de Barros, tal como faz Joyce, tal como fizeram muitos analisandos? Seria por isso que Lacan recomendava a leitura de *Finnegans Wake* aos psicanalistas, ou melhor, será que é porque Joyce demonstra a psicanálise, instaura a prática da homonímia – do *joyer* com os significantes?

Certamente Lacan recomendaria também Manoel de Barros, se

17. Lacan, *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11* (1976/2003, p. 567). [Grifo meu].

18. Lacan, *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines* (1976).

19. *Ibid.*

20. *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*, op. cit., p. 567.

21. Barros, *Livro sobre nada* (2009, p. 43).

22. Comentário feito no Documentário: *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros* (2009).

o conhecesse, e talvez até o colocasse na série do “Tudo, mas isso não”, inventando: *Manoel, vagabundo profissional*, pois ele também, por meio do seu *idioleto mannelês arcaico*²¹ explode significâncias, inventa sem querer dizer nada, apenas porque “as coisas pedem socorro para serem vistas de forma diferente. Elas pedem para ser olhadas de outro modo e não com o olhar das pessoas razoáveis”.²²

Só virando as coisas de ponta cabeça, costurando e descosturando os sentidos trazidos pelos analisantes, se pode levá-los da crença no sintoma à certeza da identificação ao sintoma, *um final possível*, que não se justifica nem se explica, mas se percebe.

Referências bibliográficas

- BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CÉSAR, P. Documentário: *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*. Petrobras, 2009.
- FREUD, S. (1937). *Análise terminável e interminável*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1975. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII).
- GERBASE, J. Complexo de Lacan: RSIΣ. *Stylus: revista de psicanálise* 9. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004.
- LACAN, J. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. Yale University, Kanzer Seminar. *Scilicet* 6/7. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- LACAN, J. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.
- LACAN, J. (1976). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 24: L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. (1976-1977). Inédito.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 25: O momento de concluir*. (1977-1978). Inédito.
- QUINET, A. *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- SOLER, C. Os nomes da identidade. In: *Caderno de Stylus*, Internacional dos Fóruns/ Escola Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil. Rio de Janeiro, 2010.

Resumo

Este artigo trata de forma restrita as metamorfoses que acontecem durante a direção da cura e prioritariamente aborda o fim desse processo pelo conceito tardio em Lacan de identificação ao sintoma, uma certeza adquirida no fim de uma análise. Com o intuito de examinar esse ponto teórico, a autora toma como referência os últimos seminários de Lacan, que sofreram influência da escrita joyciana, escrita que explode significâncias, tal como a de Manoel de Barros, concluindo que a passagem de analisando para analisado implica saber lidar com o sintoma e poder dizer “esse sintoma sou eu”, sem precisar continuar pedindo para que ele se explique, uma vez que não se pode dizer de onde isso vem.

Palavras-chave

Final de análise, identificação ao sintoma, Joyce, Manoel de Barros.

Abstract

This article, in a restrict way, discusses the metamorphoses that occur during the psychoanalysis process and, mainly, it approaches the end of such a process through the late concept of identification with the symptom in Lacan, a certainty acquired at the end of an analysis. In order to examine this theoretical point, the author takes as references Lacan's last seminars, which were influenced by Joyce's writing which, in turn, explodes significances, as much as Manoel de Barros', concluding that the passage of being in analysis and to be analyzed implies in being able to deal with the symptom and say "I am this symptom", without continuing to ask for explanations, once it is not possible to say where this comes from.

Keywords

End of psychoanalysis, symptom identification, Joyce, Manoel de Barros.

Recebido

13/02/2011

Aprovado

10/03/2011